



PARA TI

Foi para ti
que desfolhei a chuva
para ti soltei o perfume da terra
toquei no nada
e para ti foi tudo

Para ti criei todas as palavras
e todas me faltaram
no minuto em que talhei
o sabor do sempre

Para ti dei voz
às minhas mãos
abri os gomos do tempo
assaltei o mundo
e pensei que tudo estava em nós
nesse doce engano
de tudo sermos donos
sem nada termos
simplesmente porque era de noite
e não dormíamos
eu descia em teu peito
para me procurar
e antes que a escuridão
nos cingisse a cintura
ficávamos nos olhos
vivendo de um só
amando de uma só vida

Mia Couto (Moçambique)
(1955 - ...)



INVERNO

No dia em que fui mais feliz
Eu vi um avião
Se espelhar no seu olhar até sumir

De lá pra cá não sei
Caminho ao longo do canal
Faço longas cartas pra ninguém
E o inverno no Leblon é quase glacial

Há algo que jamais se esclareceu
Onde foi exatamente que larguei
Naquele dia mesmo
O leão que sempre cavalguei

Lá mesmo esqueci que o destino
Sempre me quis só
no deserto sem saudade, sem remorso só
Sem amarras, barco embriagado ao mar

Não sei o que em mim
Só quer me lembrar
Que um dia o céu
reuniu-se à terra por nós dois

Adriana Calcanhotto (Brasil)
(1965 - ...)



Com os olhos
consumo o labirinto
tenho ventos e
areias arrumadas
em demasia

tenho luas em mim
um céu negro
sem poesia

negro
e sem poesia.

passa o pássaro
—que seja uma andorinha

invoco
o seu alvoroço libertino
a fluidez do seu canto
a humidade morosa
no seu bico

o pássaro incessante
desmanchando o meu deserto
em fuga errante

no seu rumo
todas as margens

todos
os murmúrios
do mar.

Ondjaki (Angola)
(1977 - ...)



GARRAFA

**Que importa o caminho
da garrafa que atirei ao mar?**

Que importa o gesto que a colheu?

Que importa a mão que a tocou

— se foi a criança

ou o ladrão

ou filósofo

quem libertou a sua mensagem

e a leu para si ou para os outros.

Que se destrua contra os recifes

ou role no areal infindável

ou volte às minhas mãos

na mesma praia erma donde a lancei

ou jamais seja vista por olhos humanos

que importa?

... se só de atirá-la às ondas vagabundas

libertei meu destino

da sua prisão?...

Manuel Lopes (Cabo Verde)
(1907 – 2005)

